

O SAGRADO E O PROFANO: PERFORMANCE RITUALÍSTICA EM PIRENÓPOLIS

Maria Cristina de Freitas Bonetti¹

Resumo

Este ensaio trata de uma manifestação da *Religiosidade Popular* em Pirenópolis, Goiás; objetiva explorar a dimensão do *Ritual de Pentecostes*, e a expressão simbólica da contradança como elemento fundamental, bem como compreender a comunidade que vivencia e ritualiza suas crenças e representações que demarcam o diálogo entre o sagrado e o profano. Essas ações determinadas permanecem significativas na memória, na tradição e na identidade local mediante a sua construção e reconstrução contínua na história. Nele traça-se um enfoque da Festa do Divino como a manifestação popular mais expressiva de Pirenópolis. Os dados foram coletados através da observação de campo em ação extensionista junto à PrP e PrE - UEG, por meio de entrevistas e farta documentação bibliográfica. Mediante a análise e discussão dos dados da pesquisa verificou-se, que de fato a contradança na Festa de Pentecostes é um dos elementos fundamentais que compõe a identidade Pirenopolina, ao mesmo tempo em que é transmitida até hoje de pai para filho, compondo a memória dos cidadãos desta localidade, uma vez que o povo quer que a tradição seja respeitada. Por meio dessa intensa relação de diálogos que dançam com o universo da contradança, nossa proposta demonstra como a comunidade se posiciona ao longo dos anos e mostra de que forma esta tradição foi reinterpretada e recriada.

Palavras-chave: Contradança, Folclore, Patrimônio Imaterial, Memória e Identidade.

¹ - Docente Adjunto da Universidade Estadual de Goiás onde é pesquisadora extensionista líder de grupo, junto à PrP e PrE. Analista em Cultura da SeCult-Coiânia- Centro Livre de Artes.; Mestre e Doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Pertence à Rede de Pesquisa em Performances Culturais/FAPEG, da qual é bolsista/pesquisadora.

“A alma que não dança e que não canta, não vive!”

Cristovam Pompeu de Pina.
(guardião da memória de Pirenópolis)

Introdução

Neste ensaio consideramos a Festa do Divino- Pentecostes em Pirenópolis- Goiás, como a expressão máxima da representação da identidade artística e cultural do povo goiano, e em particular, suas manifestações religiosas, populares e culturais sendo as representações de um produto que está sendo comercializados na contemporaneidade, transformando assim, seus bens simbólicos em produtos que estão sendo globalizado e consumido de forma desordenada.

As inúmeras expressões culturais e jogos simbólicos que acontecem neste ritual de representações performáticas, se juntam de forma natural em três categorias que são fundamentais para a cultura popular tradicional: memória, tradição e identidade. Encontramos, ainda, uma diferença que consiste supostamente em duas categorias opostas: a sagrada e a profana.

Pretende-se aqui descrever a difusão da contradança da cidade de Pirenópolis e sua permanece significativa ao longo de sua reconstrução, além de adquirir novos contornos que foram inseridos nos aspectos e nas formas distintas daquelas repassadas pelos colonizadores portugueses, bem como a incorporação de elementos pluriétnicos e multiculturais à diversidade da Festa do Divino de Pirenópolis.

Temos como objetivo, fornecer dados para novas descobertas e desvelar um panorama do processo da produção do campo da religiosidade popular goiana, buscado refletir os padrões e valores da comunidade que se une para a realização do evento.

Existem dois grupos que se interagem neste diálogo: um grupo da produção da cultura popular e suas manifestações profanas, e o outro, o sagrado, a religião oficial, que se relaciona à produção da cultura erudita; e ambos coexistem dentro da mesma comunidade.

A variável sócio-cultural entre os grupos pode estar vinculada às diferenças de classes econômicas, ou seja, a definição de classe social dominante e dominada dos atores da festa e moradores da cidade.

Cada grupo representa campos de produção específicos, cada qual com a sua produção legitimada que contribui para a manutenção da festa e seus rituais tradicionais. Cada grupo possui linguagem própria e se influenciam mutuamente, no entanto, eles existem e coexistem para atender as necessidades da “Festa”, que é uma das representações da identidade cultural goiana.

Assim sendo, este ensaio é o resultado da reflexão e da compreensão das expressões artísticas e culturais do povo pirenopolino, bem como os seus diálogos com outras esferas da realidade social, propiciando sua interação e trocas simbólicas contínuas que possibilitam a inclusão e o livre direito à expressão da cultura e da arte do povo. Tratamos, portanto, de um ponto de vista autoral que não necessariamente, está alinhado com a opinião de outros pesquisadores e estudiosos da área.

Contradança e as Danças Circulares Sagradas, apenas um olhar...

Investigar a contradança, analisar a sua função, expressão simbólica e descrevê-la como parte do ritual da Festa do Divino – Pentecostes, na cidade de Pirenópolis, tornou-se motivo de pesquisa devido a minha história e escolhas na vida.

O tema foi escolhido de acordo com a minha prática, que há quase quarenta anos atuei profissionalmente na área de outros estilos de dança, em Academias de Dança, Centro de Artes, Universidades, e também ministrando palestras e cursos como focalizadora de danças circulares sagradas.

O meu primeiro contato com a Festa do Divino – Pentecostes foi há trinta e oito anos (1974) quando tive oportunidade de conhecer a cidade de Pirenópolis. Nesta época, este acontecimento fazia parte da tradição familiar a qual estava inserida; e na sequência pude assistir a cidade passar por profundas mudanças advindas dos novos moradores e frequentadores. A Festa do Divino tornou-se meu foco principal de observação, tendo como objeto de estudo as danças folclóricas e em especial, a contradança, enquanto uma das manifestações culturais nas festas e celebrações tradicionais da cidade.

A partir dos estudos de danças circulares sagradas realizados com a Dr^a. Maria Gabriele Wosien, em 1998, entrei em contato com as danças de par européias semelhantes as que eu assistia na Festa do Divino em Pirenópolis, partindo daí o meu desejo de pesquisar e compreender o sagrado e o profano na contradança, em Goiás.

O que objetivei nesta pesquisa, da qual este ensaio é parte dela, foi estudar a contradança como elemento fundamental, no ritual da Festa do Divino – Pentecostes; analisar as transformações dela aqui, em Goiás, para se adaptar à festa; e demonstrar como através da sua construção se vivencia a memória, a tradição e a identidade de uma cultura local. Ainda busquei compreender e analisar a Festa do Divino como a manifestação mais expressiva de Pirenópolis, e a sua constante recriação na atual dinâmica para se adaptar ao novo momento de valorização dos seus bens simbólicos interferindo na economia e cultura local.

As festas da religiosidade popular e a dança tradicional, que são parte de uma antiga herança européia, fazem parte das práticas do homem pré-cristão ao celebrar momentos importantes na comunidade. Estas práticas, reelaboradas com o cristianismo, foram utilizadas para interagir as culturas distintas que estavam sendo colonizadas no mundo novo.

Partindo do aspecto religioso, que tem como fonte o Espírito Santo, pode-se observar, mediante registros históricos, a popularização da Festa do Divino. Observa-se, em Goiás, principalmente na cidade de Pirenópolis, como um ritual católico apropriou-se do profano, que são as danças pagãs e da corte, tornando-as sagradas, ao mesmo tempo em que é uma das manifestações culturais da festa. As danças folclóricas são as danças simples criadas pelo povo na sua tradução artística, sendo a sua dimensão sagrada manifestada mediante a sua presença e apropriação pelo povo ao vivenciar a sua dimensão transcendente durante a performance ritual da festa.

Esta festa e todos os rituais performáticos da religiosidade popular, conhecidos como dramas litúrgicos acrescidos de canto e danças tiveram origem com o Teatro Cristão de catequese, fazendo dele um grande ritual criado pelo imaginário popular. Esta cidade revive este ritual através da memória do seu povo, que é transmitida oralmente por gerações e reflete na identidade do grupo social que o elege.

Sendo esta festa a principal polarizadora de outras práticas que foram associadas a ela e, dentre elas a contradança, represento esta festa bem como a contradança, que fazem parte da memória e identidade do povo pirenopolino, demonstrando que a manifestação é realizada através da transmissão, criando-se assim uma tradição que é oral, simbólica e gestual. Esta tradição é dinâmica, transforma e identifica seu povo nas suas particularidades. A contradança é um estilo de dança folclórica realizado por casais, é de origem européia e nela estão incorporados comportamentos que são transmitidos através de gerações, onde são analisadas a antigüidade e dignidade tradicional da referida dança; como também sua identidade em relação à cultura local.

A contradança, no ritual performático da Festa do Divino, em Pirenópolis, tornou-se um assunto relevante ao analisar seus atores e o povo dentro dos seus valores tradicionais; bem como os conflitos existentes ao deparar com novos valores a que estão sendo submetidos. Em nossas reflexões evidenciamos a representação da linguagem e expressão simbólica, onde o sagrado manifesta-se na contradança através de movimentos, gestos, composições estéticas e vestuário, dentro do espaço da performance ritual.

Na atualidade, a cultura tradicional e suas manifestações culturais estão tendo um novo olhar a partir das produções científicas e acadêmicas na área do Patrimônio Imaterial, dialogando com as Artes, Religiosidade Popular, Antropologia, Sociologia, Geografia e História Cultural, Folclore, Filosofia, Educação e Turismo, dentre outras. A Academia busca legitimar o que é verdadeiro na mística do imaginário popular, abrindo caminho para uma nova realidade, neste campo.

A orientação da visão de dança folclórica tradicional, com uma abordagem do sagrado e da geometria, foi embasada nos estudos teóricos e práticos de formação continuada desde 1998, com participações em filmagens, estudo dos livros da Dr^a Maria-Gabriele Wosien “Dança Sagrada – o encontro com os Deuses”, “Dança Sagrada – Deuses, Mitos e ciclos” e “Símbolos em movimento”; bem como entrevistas e orientações pessoais fundamentadas em culturas européias bastante antigas, onde pude compreender que a sistematização da dança no período renascentista influenciou as danças da cultura

popular brasileira no período da colonização do Império e, conseqüentemente, a construção cultural do povo brasileiro. Outra consulta e referência fundamental é do criador da “Pedagogia das Danças Circulares Sagradas”, o bailarino, coreógrafo e pedagogo da dança, o polonês/alemão Bernhard Wosien: “Dança: um caminho para a totalidade”, como também alguns fragmentos e memórias registradas de diversas maneiras.

A relação com a cidade de Pirenópolis deu-se de uma forma muito especial, tendo nos guardiões da memória a liderança cultural da cidade, onde todas as informações foram registradas mediante encontro com pessoas que são memória da Festa, bem como jovens atores e cidadão, discorrendo sobre a história oral da festa e suas manifestações artísticas e culturais, dentre elas a contradança.

Tive oportunidade de manter contato com grupos tradicionais que participam da festa e seus atores, assisti alguns ensaios, apresentações e conversas com pesquisadores de folclore, guardiões de memória, que participam do evento desde a infância e, através das suas lembranças, que são elos fundamentais para manter a tradição, formou-se uma identidade cultural.

Pirenópolis é uma das cidades históricas de Goiás, do “tempo do ouro”, que hoje busca a sua maneira, manter suas tradições recriando-as de acordo com a realidade. É uma cidade onde a arte e a religião caminhou junto com o povo, revivendo, ritualizando e reatualizando a sua história que se tornou memória desse povo, ao serem transmitidas pelas gerações. Esta cidade tem na sua identidade, linguagens e expressões simbólicas da Festa do Divino, onde a contradança é considerada, pelo povo, como parte da performance ritual.

Pirenópolis manteve sua tradição com o ritual performático da Festa que foi sendo recriado de acordo com a dinâmica da comunidade, e hoje, vive da “Economia da sua Cultura”, como turismo, ecoturismo, artes religiosas e populares, gastronomia, artesanato e folclore, o que trouxe para a cidade novos moradores e novos turistas, mudando a economia do povo com o aumento do PIB local. Pirenópolis virou moda; tornando esta, uma situação que precisa ser observada, pois a Festa do Divino está tornando-se um produto religioso a ser consumido e a sociedade local tem limitações para comercializar um produto da religiosidade popular que é transformado e difundido no mercado consumidor nacional e internacional.

Ao inserir a Contradança na dimensão sócio-antropológica do simbolismo e ritos performáticos, pretende-se expandir o discurso corporal para outros conceitos e categorias de análise.

Identidade cultural, novenas e folias, fenômeno religioso e religião; dramas, jogos e lutas dramáticas; mito, símbolo, performance ritual, música e danças asseveram a eficiência e eficácia simbólica dessa Festa, que é uma manifestação singular do povo goiano.

Apresentação da Autora:

Sou camponesa, nasci em uma família de tradição rural, no Oeste Paulista; tive meu avô materno como meu primeiro “mestre de dança” (Valsa, Rancheira Mazurca, Shottting, Polca) e de manifestações culturais, populares e tradicionais vindas com a sua família da Ilha da Madeira – Portugal. Com minha mãe, que era professora de Educação Física, formada pela USP/45, onde foi aluna de Danças Folclóricas da Professora Maria Amália Corrêa Giffoni, aprendi as danças folclóricas do Brasil e de várias culturas e etnias; participei dançando em recitais, festas dos Estados e Nações; fui para o campo e girei na Folia de Reis com os parentes portugueses da região e dancei quadrilha marcada pela minha mãe, tendo meu avô Zé Caetano como sanfoneiro. Passei minha infância, adolescência e juventude neste meio e ao terminar a Escola Normal, segui os passos da minha mãe e fui cursar Educação Física, ainda em São Paulo. Em 1972, transferi meus estudos para Goiânia, onde me formei, em 1975. Em 1976 iniciei minha carreira acadêmica, em Goiás, onde permaneço até hoje e sou a docente mais antiga, em exercício, na Instituição.



Votuporanga Clube- SP, 1960. Dança Cigana.



Votuporanga Clube- SP, 1968. Festa Junina.